

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

**TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA: UM BREVE ENSAIO
BIOGRÁFICO SOBRE AS EDUCADORAS ANÁLIA FRANCO, NEIDE
MESQUITA E LAURA AMAZONAS**

Rosemeire Siqueira de Santana - UFS¹

EIXO TEMÁTICO 4: Formação de Professores memória e Narrativas

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma breve biografia das educadoras Anália Franco, Neide Mesquita e Laura Amazonas e suas contribuições à História da Educação Espírita, com atuações marcadas por ações efetivas no campo da educação infantil, tendo como alicerce o pensamento em uma escola que incluísse e desse acesso indiscriminado a crianças, independente de sua condição social, cor e credo; quanto à sociedade quando partilharam do ideal de que as mulheres alcançassem sua independência, por esforço próprio, por isso colaboraram, por meios de ações educativas e pela imprensa feminina, com a promoção de educação da mulher. As principais fontes utilizadas para realização deste estudo foram: entrevistas e análise de documentos, periódicos da época, fotografias, bibliografia e sites especializados.

Palavras-chave: Educação Espírita, Educação Feminina, História da Educação.

**WEAVING THE WIRES OF MEMORY: A BRIEF BIOGRAPHICAL ESSAY ON
THE TEACHERS ANÁLIA FRANCO, NEIDE MESQUITA E LAURA AMAZONAS**

This article aims to present a brief biographical of teachers Analia Franco, Neide Mesquita and Laura Amazonas, and their contributions to the History of Spirit Education with performances marked for action effective in the childhood education, taking as a basis in a school thinking that would allow access for all children, regardless of their social status, color or belief; and their contributions to society, when they shared the ideal that the women reach their independence through their own efforts, so cooperating, by means of educational actions and the press by women with the promotion of women's education. The main sources used for this study were interviews and documents, periodicals of the time, photographs, bibliography and specialized sites.

Keywords: Spirit Education, Women Education, History of Education.

As pesquisas em História da Educação nos possibilitou penetrarmos em espaços até então desconhecidos, mas ao entrarmos nos deparamos com o mundo da Educação Espírita o que nos levou a descobrirmos no meio deste labirinto as marcas deixadas por três educadoras: Anália Franco, Neide Mesquita e Laura Amazonas que viveram em períodos diferentes da história, mas que contribuíram não só com a Educação Espírita como com a sociedade vigente. Assim, foi possível um retorno ao passado, isso só ocorreu devido a “uma enorme capacidade de renovar temas e instigar o olhar e que hoje marca a presença da História da Educação no campo da pesquisa educacional”². Foi esse olhar aguçado que possibilitou um estudo sobre a trajetória de educadoras espíritas.

Quanto ao Espiritismo é importante destacar que ele nasceu na França e foi decodificado por Allan Kardec, na metade do século XIX, culminando no lançamento da obra O livro dos espíritos, em 18 de abril de 1857.

A análise em pauta, tem como objetivo compreender como a sociedade visualizava a figura das educadoras analisadas, a contribuição delas às Instituições Educativas Espíritas, e o porquê do silenciamento existente em torno das educadoras que deixaram registradas durante suas trajetórias várias marcas.

As principais fontes utilizadas para a formatação deste estudo, foram entrevistas, análise de documentos: periódicos da época e bibliografia específica.

1 – ANÁLIA FRANCO - E OS SEUS VESTÍGIOS DO PASSADO.....

Anália Emília Franco, nasceu em 1º de fevereiro de 1853, em uma família católica, na cidade de Resende (RJ). Filha de Antônio Mariano Franco Júnior e Thereza Franco, Anália era a filha mais velha do casal, tendo como irmãos: Antônio Mariano Franco e Ambrosina Franco.

Até os oito anos de idade, Anália viveu em Resende, cidade em que vivenciou as primeiras noções de aprendizagem escolar, promovida pela sua mãe que era professora. No ano de 1861, “a família de Anália teria se estabelecido em São Paulo. Entre numa excursão e outra por cidades do interior”³, essa mudança de cidade provavelmente se deu a procura de trabalho, fixando na capital somente em 1898.

Em 1876 Anália muda-se com a mãe, de São Paulo para Guaratinguetá e passa a ser sua assistente naquela cidade. No ano de 1877 retorna a capital para fazer a escola normal. No final daquele ano, o jornal *A Província de São Paulo* elogia o exame por ela prestado.

Anália costumava fazer algumas viagens para o interior do estado, principalmente as cidades de São Carlos dos Pinhal e Taubaté a última possibilitou a Anália a sua inserção no Jornalismo, colaborando a partir de então com os jornais e revistas literárias a exemplo de: *A Família*, *o Eco das Damas* e *A mensageira*, ao lado de expoentes femininas da época.

Em 1898, Anália assina sua própria revista, intitulada *Álbum das Meninas*. No ano de 1901 funda a AFBI – Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, voltada ao atendimento de criança negra, pobre e órfã, tendo também uma política para a mulher e não fazia qualquer discriminação de credo ou de raça. Ao longo da sua história, foram implementadas cerca de 110 escolas, entre asilos, creches, escolas maternais, liceus femininos e a colônia regeneradora. A Associação contava com o apoio da sociedade civil, da maçonaria e de grupos espíritas; recebeu subvenções do Estado e do município, mas também ganhou a antipatia do clero.

Não sabemos ao certo o que levou Anália a fazer a opção pelo magistério, talvez fosse uma das possibilidades de ultrapassar os muros, até então destinados as mulheres de sua época. Mas, associava também, o magistério à imagem da sua mãe.

Porém, toda a infância e boa parte da vida adulta, a educadora conviveu com uma sociedade escravocrata. A mudança do interior do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo colaborou para que Anália presenciasse a uma série de mudanças no cenário brasileiro.

No ano de 1868, aos 15 anos, Anália iniciava no magistério, auxiliando sua mãe, enquanto outras jovens reproduziam as gerações anteriores, colaborando para a manutenção do lar espaço reservado a figura feminina. Quanto mais fechadas no espaço privado de suas vidas em suas casas menor era o alcance na participação efetiva na vida pública dominada pelos homens. Esta era a regra, com ela, mulheres como Anália buscaram a exceção, cultivando a leitura e a escrita, não se contendo apenas com atividades voltadas para o aprimoramento das prendas domésticas.

A defesa da causa social assumida por Anália e que acompanhou toda à sua trajetória de educadora, escritora e jornalista está ligada as marcas da Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871, tornava livres todos os filhos de mulheres escravas, nascidos a partir da data de sua promulgação. Porém as crianças ficariam sob o poder e autoridade dos senhores de suas mães, que tinha a obrigação de cria-los até os 8 anos de idade, completo. Mas, a “Lei do Ventre Livre não teria trazido resultados satisfatórios para os abolicionistas”⁴.

Nos anos seguintes, a Lei do Ventre Livre, muitos abusos foram ocasionados por parte dos fazendeiros, desinteressados em criar os filhos de seus escravos sem o retorno financeiro que desejavam. Diante dessa situação, Anália teria escrito cartas para as mulheres fazendeiras, apelando em favor das crianças então abandonadas, ao tempo que buscava meios de ampará-las. Desta maneira, apesar de ter sido aprovada num Concurso de Câmara, em 1872, na capital, que lhe garantiria trabalhar oficialmente como assistente de sua mãe, Anália teria preferido ir para o interior.

Ao perceber que os pequenos negrinhos expulsos das fazendas já perambulavam mendigando pelas ruas, imediatamente troca seu cargo na Capital paulista por outro, no interior, a fim de socorrer as criancinhas necessitadas. Num bairro de uma cidade do norte de São Paulo, em imóvel alugado, a primeira ‘Casa Maternal’, amparando todas as criancinhas trazidas à sua porta ou encontradas nas moitas e estradas⁵.

O local onde foi instalada a “Casa Maternal” seria cedido gratuitamente se Anália respeitasse a condição imposta pela proprietária, que era a de não misturar crianças brancas com negras. Condição não aceita por Anália, que paga um aluguel pelo imóvel. A proprietária, no entanto, ao ver sua fazenda transformada em Albergue de crianças negras, usa seu prestígio e consegue a remoção de Anália. Diante do fato a professora teria ido para cidade onde alugou uma velha casa, pagando de seu próprio bolso. Além disso, anunciou em folha local a existência do abrigo. Como restante de seu salário era insuficiente para pagar as despesas da alimentação, a opção foi a de ir com as crianças pedir esmolas.

O comportamento, insólito para a época, de uma professora espírita proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata, gera um clima de antipatia e rejeição entre os moradores da região ante a figura daquela mulher considerada perigosa, e seu afastamento da cidade já é cogitado, quando surge um grupo de abolicionista e republicano a seu favor⁶.

O que contribuía para a atitude da sociedade, era o fato de Anália ser adepta do espiritismo, em um período em que possuíamos uma sociedade conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo. Embora, Anália era bem cautelosa, com relação à fé que professava, evitando torná-la pública. Apesar de ser casada com o senhor Francisco Antônio Basto professando assumido da doutrina espírita.

Anália era uma defensora da liberdade de pensamento, teve na causa da criança desvalida e da mulher, o alicerce de sua obra educacional e social. A propaganda da AFBI pregava que nas suas instituições não se fazia distinção de credo ou de cor, recebendo crianças e mulheres de qualquer procedência religiosa ou étnica. Assim, buscava-se imprimir um caráter laico à Associação.

No início do século XX criou o chamado Albergue Diurno para os Filhos de Mães Jornaleiras, um dos braços da AFBI, na cidade de São Paulo, assim demonstrando preocupação com as mães trabalhadoras daquele período. E ao pensar na mãe, ela pensa no filho e, assim criança e mulher são postas à frente na prioridade da sua prática.

O fato de Anália ter sido membro do Partido Republicano Paulista, teria facilitado o apoio da equipe instalada no poder no início da República. Este apoio, segundo ela não vinculava as obras sociais de Anália às metas do partido, pelo menos no plano financeiro. “Suas atividades apresentam como motivação básica a própria sensibilidade para os problemas sociais da época. A ausência de proteção à mãe pobre e a criança é a mola propulsora que leva Anália à criação de creches, asilos e escolas maternais”⁷

Anália Franco faleceu em 20 de janeiro de 1919, vítima da gripe espanhola, quando ainda era presidente da AFBI, deixando a sua figura como um fragmento importante que colaborará na reconstrução da historiografia da educação.

2 - NEIDE MESQUITA - E A SUA CONTRIBUIÇÃO A EDUCAÇÃO....

Neide Figueiredo Mesquita, nasceu a 30 de dezembro de 1919 na cidade de Aracaju estado de Sergipe, filha do alagoano Xisto Ferreira de Albuquerque e Esmera Figueiredo de Albuquerque.

Cursou o primário no Colégio Nossa Senhora da Glória que funcionava na Rua de Maruim com Dona Yazinha Maia. O Ginásio realizou no Colégio Atheneu Sergipense, onde fez cinco anos de Humanidades, foi aluna dos professores Abdias Bezerra⁸, Franco Freire, Artur Fortes e Oscar Nascimento.

Aos quinze anos se apaixonou pelo cearense José Mesquita Neto⁹, que veio a Aracaju trabalhar como representante no Laboratório Raul Leite e casa aos dezessete anos, naquele período fazia parte do costumes da sociedade as mulheres casarem novas; tiveram três filhas: Clesimeire, Lídia e Rosimeire. Depois da realização do casamento transfere-se para o estado do Piauí e, em seguida para o Ceará. Anos mais tarde retorna à sua terra natal.

Ao chegar toma conhecimento da abertura de concurso para professora de Recreação do Jardim de Infância Augusto Maynard¹⁰, se inscreve mesmo contrariando o marido que até então, tinha pensamento fixo que lugar de mulher casada era dentro de casa, “a supremacia masculina e a permanência da mulher no espaço doméstico continuava sendo considerada um

tipo ideal de comportamento”¹¹. Porém a professora Neide Mesquita fez jus às manifestações femininas que já vinha acontecendo desde o início do século XX, quando as mulheres reivindicavam educação, instrução e privilégios sociais, como trabalho e profissão, além do direito ao voto.

Passa em primeiro lugar e começa a trabalhar com mil e uma idéias, já que o Jardim de Infância era um modelo para o estado. Depois de marcar presença no Augusto Maynard, resolve abrir uma escola de alfabetização em frente à sua residência, denominado de Instituto Silvio Romero com vagas até a quarta série do primário. O colégio passa a se destacar por oferecer aulas de inglês, e festas de São João, Dia das Mães, fim de ano.

A professora Neide Mesquita possuía um dinamismo, segundo ela uma virtude herdada de sua mãe. Desta maneira, não parava de se lançar a novos desafios, assim se submeteu a prova de Suficiência para ser professora doméstica da Escola Normal, conseguindo aprovação. Mas, o fato de se assumir espírita convicta lhe valeu algumas perseguições. Porém, sua vitalidade não permitiram que a desanimasse, e durante sua passagem pela Escola Normal criou o Clube dos Quatro H's em inglês (cabeça, coração, mãos e saúde), com ele através das alunas era desenvolvido um trabalho de preparação de enxovais que eram entregues as crianças pobres internas no Hospital de Cirurgia.

Durante o ano de 1951 juntamente com a odontóloga Laura Amazonas e a ajuda de Nilita Nascimento, passa a se movimentar com inúmeras atividades para construir uma obra de caráter social da União Espírita de Sergipe, destinada as crianças desamparadas, a tão sonhada construção recebeu o nome de Casa do Pequenino que abrangia a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei. No mesmo ano, a educadora Neide Mesquita, Nilita Nascimento, Wanda Maria Teles e Heitor Dias Teles, imbuídos de sentimentos de solidariedade cristã resolveram escrever e montar o espetáculo de teatro Tapete Mágico “que levaria os espectadores a uma viagem aos diversos países do mundo, mostrando em quadros seus costumes, danças e músicas, viajando em um tapete mágico, como as histórias contadas nas páginas famosas de Mil e uma Noites”¹². O espetáculo aconteceu em uma curta temporada no Cine Teatro Rio Branco, porém todas apresentações com casa lotada, mesmo assim, o “Tapete Mágico não pôde continuar a ser exibido devido a intolerância religiosa, por trata-se de um espetáculo em benefício de uma instituição dirigida por espíritas”¹³. Apesar da retirada do espetáculo teatral de cartaz, as campanhas para arrecadação de doações continuaram até a inauguração da Casa do Pequenino no ano de 1966, tendo a professora Neide Mesquita Albuquerque como primeira Diretora.

A educadora e espírita Neide Mesquita em sua vida cheia de atividades presta concurso para ensinar na rede estadual de ensino a disciplina Educação Moral e Cívica no Colégio Atheneu, sendo aprovada assume a cadeira. Com seu espírito dinâmico, durante a década de 1960 inicia em Aracaju, Curso de Desenvolvimento Artístico, nesse período ninguém pensava em Ballet. Nos Departamentos de Educação do estado marcou presença nas inúmeras funções desenvolvidas, foi membro do Conselho Estadual de Educação na época de sua criação, no decorrer da administração Gileno Lima na prefeitura de Aracaju, assumiu o cargo de diretora do Departamento de Educação do Município, na Secretaria de Educação do Estado trabalhou como assessora até 1970, sendo responsável pela Parada de sete de setembro e a criação dos Centros Cívicos nas escolas estaduais.

Durante a pesquisa não encontramos a data de falecimento da professora. Não podemos negar a contribuição da educadora Neide Mesquita, para a História da Educação em Sergipe, com a sua maneira inovadora priorizou a arte na educação.

3 – LAURA AMAZONAS: E AS SUAS MARCAS....

Em 03 de maio de 1884 nascia, em Aracaju, Laura Amazonas. Seu nascimento ocorreu num período de transformações: o país via os últimos anos do 2º Império e a espera pelos anos da República. Fruto da união do casal Manoel Amazonas e Josefa da Silveira Amazonas, além dela, a família estava composta por mais três irmãos: Cleobo Amazonas, Josefa Amazonas e Maria Júlia Amazonas. Laura Amazonas iniciou sua vida escolar em Aracaju, orientada pela sua madrinha, a professora Rosa¹⁴. Após, a conclusão do curso primário, mudou-se para a cidade de Santos, no Estado de São Paulo, em companhia do seu irmão Cleobo Amazonas, advogado reconhecido e que já havia fixado residência naquela região. Dessa forma, passou a ser o grande incentivador e responsável por sua educação, possibilitando-lhe o acesso à instrução. A presença de seu irmão em sua formação foi algo marcante, tanto que na solenidade de graduação encontra-se na frente do Diploma da Dr^a. Laura Amazonas, uma pequena caixinha oval, amarrada ao mesmo tempo com fitas verde e amarela, contendo o brasão da escola de Pharmácia de São Paulo e por fora a seguinte frase: “Aminha mãe, sincera amizade. A meu irmão, eterna gratidão”¹⁵.

Graduou-se em Odontologia, num período em que ser professora seria a única maneira da mulher exercer uma atividade profissional fora do lar; com apenas vinte e um anos de idade, recebeu o seu título de Cirurgiã-dentista pela Faculdade de Pharmácia de São Paulo, em 08

de fevereiro de 1905, quatro anos após, a assinatura do Código de Ensino Eptácio Pessoa, que autorizava o acesso das mulheres aos cursos superiores, se tornando, assim, a primeira sergipana diplomada em um curso superior e, em uma profissão liderada por homens.

Mesmo com o acesso ao curso superior, a maioria das mulheres optavam por enfermagem ou pedagogia, por acreditarem que essas profissões seriam um prolongamento da rotina do lar no sentido de cuidado com o outro. Mas, existiram outras que não visualizaram essa oportunidade como a única maneira de adquirirem sua independência intelectual e econômica. Não podemos negar que a partir do ingresso nas universidades: “As mulheres tiveram acesso às profissões liberais e conseqüentemente à independência econômica e a possibilidade de interferir no momento atual. A universidade foi mais importante do que a conquista do voto feminino”¹⁶.

A Dr^a. Laura Amazonas mostrou que em uma época na qual a mulher era colocada de lado, foi possível quebrar paradigmas e estabelecer novos conceitos para atuar na sociedade. Assim, serviu de alicerce para algumas mulheres, tais como: Cezartina Régis de Amorim¹⁷, Maria Rita Soares de Andrade¹⁸, Quintina de Diniz¹⁹, Ítala Silva Oliveira²⁰ e outras que conseguiram dar um rumo diferente ao curso das suas histórias de vida. Sendo capazes de quebrar tabus e contribuírem para a história da sociedade sergipana ao atuar em espaços públicos, definidos socialmente como masculinos.

Em 1910, cinco anos após a conclusão de seu curso, retornou a Aracaju e, no mesmo, período, implantou o seu Consultório Odontológico. O mesmo foi estruturado em parte de sua residência, situada no centro da cidade à Rua Itabaiana, nº 164, onde desenvolveria sua atividade profissional liberal até a década de 1950.

A Dr^a. Laura Amazonas, embora tenha sido criada dentro dos princípios do Catolicismo Romano, em seu retorno a Aracaju se identificou com a Doutrina Espírita²¹ e admitiu publicamente a sua nova condição religiosa, o que a levou a enfrentar preconceitos. Os seguidores do catolicismo não demonstravam simpatia pelos adeptos do espiritismo, o que acabou por ocasionar várias críticas e perseguições por parte dos católicos, além da contribuição para o esquecimento em torno das suas ações, que não acabaram por não receber o destaque merecido.

Provavelmente, o fato de ter dedicado a sua vida à difusão do espiritismo, nas primeiras décadas do século XX, período no qual esta religião ainda sofria muito preconceito, principalmente em Sergipe, que possuía uma sociedade conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo, pode ter ocasionado um certo “silenciamento” em torno de sua trajetória²²

Embora, mesmo com todas as críticas à sua opção religiosa, a Dr^a Laura Amazonas participou e deu a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade sergipana. Isso só foi possível, por meio do investimento realizado em prol da sua escolarização, o que lhe proporcionou a aquisição de saberes práticos significativas. O capital cultural por ela obtido foi responsável por sua efetiva colaboração, em vários campos da sociedade sergipana no início do século XX em Sergipe.

A Dr^a. Laura Amazonas desejava fundar uma escola dentro dos fundamentos da Doutrina Espírita. Embora, não tenha se graduado em magistério, mantinha uma preocupação voltada para educação, de modo especial, para as crianças carentes. Para ela, a formação estaria atrelada a uma boa base moral educacional, ambas seriam, o alicerce para a formação do bem.

Dessa maneira, sempre se fez presente nas ações voltadas à educação idealizada pelos seguidores da doutrina espírita em nosso Estado, sendo visível a sua colaboração para a construção e edificação da “Escola Líveo Pereira”²³ que assumiria as obrigações de amparo à infância, além da escola de alfabetização: ambas seriam administradas, pelo Grupo Espírita Irmão Fêgo.

Por conta da efetiva colaboração da Dr^a. Laura Amazonas parte da escola foi entregue à sociedade sergipana durante o ano de 1948. Após sua aposentadoria “doou seu gabinete dentário, para a Escola Líveo Pereira do Grupo Espírita Irmão Fêgo e semanalmente sempre as segundas-feiras, ela ia dar assistência odontológica às crianças daquela escola, graciosamente”²⁴, a sua preocupação estava exclusivamente para a infância desamparada.

Às dez horas do dia 20 de abril de 1952, o Gabinete Odontológico Dr^a. Laura Amazonas, tal como de sua vontade, e, nos mesmos princípios de doação em favor do próximo, estava solenemente entregue à pobreza e a criança carente das Escolas mantidas pela Associação²⁵.

A cirurgiã dentista demonstrava um carinho imenso pela infância, “ela era uma educadora nata, uma verdadeira pedagoga”²⁶ principalmente quando se referia à educação de crianças pobres, havia uma preocupação com o futuro das mesmas.

No ano de 1949, a ideologia dos integrantes da União Espírita Sergipana, era de fundar uma Escola Espírita, voltada às crianças desvalidas, com a finalidade evangelizar²⁷, educar²⁸ e instruir²⁹. A ideia começa a ganhar impulso, após doação do terreno de 650m² pela

benemérita Dr^a Laura Amazonas. A edificação da “Casa do Pequenino” ao contrário da Escola Líveo Pereira, passou alguns anos para se consolidar, porém, a Dr^a. Laura Amazonas sempre esteve à frente das campanhas de arrecadação monetária para a construção da nova instituição.

No início do ano de 1966 era inaugurada a Casa do Pequenino. Concretizava-se o que vinha sendo aguardado desde 1949, conforme pode ser verificado no termo de abertura do livro de matrícula. “Servirá este livro para o registro da matrícula dos alunos, da Escola “Amélie Boudet”, sito a Rua Dom José Thomaz , 588 em Aracaju – Sergipe. Professora Regente da Escola Ana Maria Fontes, Diretora da Casa do Pequenino, Neide Mesquita”³⁰.

Embora esta Instituição abrangesse o complexo “Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei, apenas a escola entraria em funcionamento. No ano seguinte, foram implantados os serviços do Lar Meimei que serviriam de amparo à criança, em regime de internato. Para o encerramento da solenidade foi convidada a Dr^a. Laura Amazonas para cortar a fita simbólica da instituição. A partir daquele momento estava fundado o internato, completando assim o que foi pensado pelo grupo de seis amigos que idealizaram a construção da Casa do Pequenino, entre eles, estava a Dr^a. Laura Amazonas, que se empenhava cotidianamente, e não desanimou até ver o sonho tornar-se realidade.

Apesar de não ter formação em magistério, a Dr^a Laura Amazonas sempre acreditou e apoiou a educação. Por esse motivo, empenhou-se pessoalmente em transmitir às crianças da instituição tudo o quanto fosse importante a uma boa formação educacional e moral.

As práticas pedagógicas desenvolvidas pela Dr^a. Laura Amazonas nas Escolas de Evangelização Lindolfo Campos e Laura Amazonas”, consistiam na utilização de um livro, elaborado pela mesma, cujo título: “Uma linda História – Bíblia – Isaías – C.7 – V.14” trazia uma narrativa sobre o nascimento de Jesus Cristo, além de “52 Lições do Catecismo Espírita” de Eliseu Rigonatti, composto por perguntas e respostas. A odontóloga fazia uso das obras de Monteiro Lobato e outros escritores, pois as aulas eram ministradas, a partir de histórias, leituras de poemas, utilização de gravuras e cartazes. Em suas aulas, os chamados “temas do mundo”, além dos assuntos pertinentes à Doutrina Espírita era trabalhados. Dessa forma, orientava-se para a vida, cidadania moral e religião.

Durante o ano de 1929, em Aracaju, era criado o Diretório da União Universitária Feminina, tendo como objetivo, a proliferação do número de jovens estudantes no ensino superior, assim podendo favorecer o ingresso no mercado de trabalho. Estava à frente do

Diretório a advogada Maria Rita Soares de Andrade, sendo auxiliada pelas doutoras Laura Amazonas, Heloísa Santos e Cezartina Régis.

O Diretório da União Universitária Feminina começou a realizar atividades que serviram de atrativos, assim vislumbram na realização de “chás”, uma possibilidade para despertar o engajamento, que colaboraria para avanços na vida acadêmica e profissional. Dessa forma, um dos objetivos da referida diretoria era apoiar as estudantes e defender o direito das recém-formadas, contribuindo assim para o estímulo e desenvolvimento da intelectualidade da mulher brasileira.

Durante muito tempo as mulheres buscaram o reconhecimento, pois acreditavam ser capazes de exercer profissões até então desempenhadas pelos homens. Assim, o acesso aos cursos superiores indicava o primeiro degrau da emancipação feminina e a colaboração em outras lutas, a exemplo da conquista do voto e da elegibilidade. A contribuição da Dr^a. Laura Amazonas pode ser sentida em diversos âmbitos, atuou em vários campos da sociedade sergipana, e sua presença foi registrada em várias instituições. Além dos trabalhos filantrópicos, nem sempre relacionados com a religião espírita, para a odontóloga o que importava era a ajuda ao próximo, independente do credo religioso.

A filantropia, era uma atividade forte no seu dia-a-dia, por isso, teve uma participação ativa na sociedade. Podemos verificar registros de sua figura em vários momentos do início do século XX: esteve presente na construção e inauguração do Asilo Rio Branco, uma entidade sem fins lucrativos, implantado em 20 de outubro de 1918. A sua presença também, foi notória na Cruz Vermelha, “fundada em 26 de novembro de 1929, e contou com a participação, entre outras, de Cezartina Régis(farmacêutica) e Heloísa Santos (Cirurgiã-dentista)”, esteve presente como sócia benfeitora do Orfanato de São Cristóvão na cidade de mesmo nome. A instituição era administrada pelas irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Em novembro de 1950, participou da fundação da Federação Espírita de Sergipe, sendo eleita posteriormente para assumir a presidência da mesma, no período de 27 de março de 1954 a 06 de outubro do ano de 1956.

Embora seu trabalho estivesse marcado pela presença da Doutrina Espírita foi inegável sua contribuição, não só no campo da filantropia, mas da educação e saúde da infância pobre em Sergipe.

A Dr^a. Laura viveu de forma lúcida e faleceu na cidade de Aracaju, conforme o necrológio publicado na imprensa da época³¹:

Faleceu[...] nas primeiras horas do dia de ontem, D. Laura Amazonas, senhora de grande mérito e de uma das famílias mais inteligentes do nosso Estado. D. Laura, em vida, foi uma espírita convicta e como tal, a extinta havia se dedicado de corpo e alma a todos os movimentos filantrópicos havidos na capital sergipana. Foi Dona Laura quando em vida, dentista, e por longos anos operosamente usou a sua força em servir a todos que dela necessitavam e quando as forças lhe faltaram, ela doou o seu gabinete à Fundação Lívio Pereira, no Bairro Siqueira Campos. Além de outros trabalhos que soube fazer no campo da filantropia, Dona Laura Amazonas foi uma das fundadoras da Federação Espírita Sergipana e sempre soube incentivar os jovens e aos que necessitavam com palavras que revelavam um grande conhecimento, com uma boa dosagem de humanismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de abertura para novas idéias e credo acabaria por não possibilitar a aceitação de novas práticas religiosas e como as três educadoras eram participantes ativas da nova doutrina as suas figuras vivem em silenciamento que insiste em gritar. Mas, para elas independente da aceitação por parte da sociedade, o importante era educar as crianças menos favorecidas. A presença das educadoras, também foi atuante e decisiva em vários momentos da vida social, lutando ao lado de suas contemporâneas por melhores condições para as mulheres. Talvez o fato, de ter se dedicado a uma doutrina que não condizia com a religiosidade da época, possa ser a resposta para essa ausência. Portanto, mediante tantas realizações, suas ausências se tornam cada vez mais presente, mais é preciso juntamos pedaços sobre a contribuição das educadoras espíritas, e que fiquemos atentos aos rastros deixados por elas, para assim, pouco a pouco, construirmos uma História da Educação Espírita.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870 – 1910). Campinas, São Paulo. UNICAMP, 1999.199p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. In: Carvalho, Marta Chagas de. A escola e a República e outros ensaios. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.p.257-265

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 2003.297p. Tese (Doutorado em Educação).

_____. Vestígios da Dr^a. Laura Amazonas: Aspectos da condição feminina em Sergipe. In: Cadernos UFS – História da Educação. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 6, pp. 7-18, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko M. A pré-escola em São Paulo. São Paulo. Ed. Loyola, 1988.

JESUS, Antônio Monteiro de Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe. 2 ed. Sergipe, Editora Triunfo, 2006.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. A Grande dama educação brasileira. São Paulo: Madras. 2004.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de. Casa do Pequenino: fragmentos de sua história. Aracaju: Faculdade São Luís de França, 2009. pp. 1-20. Monografia (Graduação em Pedagogia).

FONTES

Necrológio da Dr^a. Laura Amazonas. Jornal “Gazeta de Sergipe” 1968, p.08.

OSMAR. Neide Mesquita: uma vida cheia de atividades. Jornal da cidade, p.17. 1998

ENTREVISTA

SANTANA, João Batista. Entrevista concedida em 02 de maio 2010.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França, Coordenadora Pedagógica da Alfabetização de Jovens e Adultos\ SESC – Sergipe, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES. E-mail: r-siqueira-santana@bol.com.br

² CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. In: 2003, p.257

³ MONTEIRO, Eduardo Carvalho. A Grande dama da educação brasileira. São Paulo: Madras. 2004, p.37

⁴ BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e sombras: ação da maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1999, p.119-120.

⁵ KISHIMOTO, Tizuko M. A pré-escola em São Paulo. São Paulo. Ed. Loyola, 1988, p.52

⁶ KISHIMOTO, Tizuko M. A pré-escola em São Paulo. São Paulo. Ed. Loyola, 1988, p.53

⁷ KISHIMOTO, Tizuko M. A pré-escola em São Paulo. São Paulo. Ed. Loyola, 1988, p.54

⁸ Nasceu no dia sete de setembro de 1880. Em novembro do ano de 1922 assumiu o cargo de Diretor do Atheneu Sergipense, em abril de 1923 passou a dirigir o curso comercial Conselheiro Orlando e em maio do mesmo ano passou a exercer o cargo de Diretor de Instrução Pública do Estado. O professor Abdias Bezerra morreu no dia 14 de junho de 1944.

⁹ Nasceu no estado Ceará em 26 de abril de 1907, mudou-se para Aracaju como representante do Laboratório Raul Leite. Conveteu-se ao espiritismo em 1937, foi presidente da União Espírita de Sergipe, esteve à frente da

Presidência da Federação Espírita Sergipana. Primeiro Diretor Administrativo da Casa do Pequenino, fundador do Departamento Educacional da Federação Espírita de Sergipe. Criou e dirigiu, juntamente com sua esposa a professora Neide Mesquita o Programa Rádio Fônico, na antiga Rádio Difusora atual Aperipê, servindo como meio de divulgação da religião espírita.

¹⁰ Primeiro Jardim de Infância do estado de Sergipe, inaugurado em 17 de março de 1932, durante à Gestão do Interventor Federal Augusto Maynard Gomes.

¹¹ Almeida, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* 1ª ed. São Paulo, Autores Associados, 2007.p.108.

¹² Melins, Murilo. *Aracaju Romântica que vi e vivi: anos 40 e 50.* 4ª ed. Aracaju, J.Andrade, 2007.p.153

¹³ Melins, Murilo. *Aracaju Romântica que vi e vivi: anos 40 e 50.* 4ª ed. Aracaju, J.Andrade, 2007.p.154

¹⁴ Durante a pesquisa não encontramos o sobrenome da referida senhora.

¹⁵ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. *Vestígios da Drª. Laura Amazonas: Aspectos da condição feminina em Sergipe.* In: *Cadernos UFS – História da Educação.* São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol.6,2004,p.09.

¹⁶ Citação extraída do artigo intitulado: *Maria Rita Soares de Andrade – Uma feminista convicta sempre cercada de amigos* apud FREITAS, Anamaria G. Bueno de. *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX.* Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003.p.184 (Tese de Doutorado)

¹⁷ Nasceu em 1890 e faleceu em 1980, primeira farmacêutica sergipana.

¹⁸ Nasceu em 1904. Foi primeira Juíza Federal do Brasil; professora, advogada e editora da Revista *Renovação*. Faleceu em 1998.

¹⁹ Nasceu em 1878 e faleceu em 1942, primeira Deputada Estadual de Sergipe, e professora da Escola Normal Rui Barbosa.

²⁰ Nasceu em 1897 e faleceu em 1984, primeira Médica de Sergipe, professora particular de meninas e jovens, professora e secretária da Liga Sergipense contra o Analfabetismo, colaboradora dos jornais sergipanos e na Revista *Feminina*.

²¹ Os espíritas tomam como data de fundação o dia 31 de março de 1848 devido ao chamado fenômeno de Hydesville, ocorrido nos Estados Unidos. As notícias do ocorrido chegaram até a Europa e levavam as pesquisas de Allan Kardec. A primeira Sessão Espírita no Brasil aconteceu na Bahia com a criação do “Grupo Familiar do Espiritismo”. Maiores informações: www.ceismael.com.br/artigo/origens-espiritismo-brasil-htm.

²² FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. *Vestígios da Drª. Laura Amazonas: Aspectos da condição feminina em Sergipe.* In: *Cadernos UFS – História da Educação.* São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol.6,2004,p.14-15.

²³ Escola edificada e mantida pelo grupo Espírita Irmão Fêgo, localizada no Bairro Siqueira Campos.

²⁴ SANTANA, João Batista, entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana na cidade de Itabaianas/SE em 02 de maio de 2010.

²⁵ JESUS, Antônio Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe.* 2ª ed. Sergipe, Editora Triunfo, 2006,p.115

²⁶ SANTANA, João Batista, entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana na cidade de Itabaianas/SE em 02 de maio de 2010.

²⁷ *Evangelizar – preconizar uma idéia ou doutrina.* FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.p.281

²⁸ *Educar – transmitir conhecimentos.* FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.p.234.

²⁹ *Instruir – esclarecer e informar.* FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.p.234.

³⁰ SANTANA, Rosemeire Siqueira de. *Casa do Pequenino: fragmentos de sua história.* Aracaju: Faculdade São Luís de França, 2009,p.11. Monografia (Graduação em Pedagogia)

³¹ *Necrológio da Drª. Laura Amazonas.* Jornal “Gazeta de Sergipe” 1968,p.08